

# TAYEB SALIH

## ÉPOCA DE MIGRAÇÃO PARA NORTE

«Um clássico fugidio,  
de profundidade infinita.»

*The Guardian*



cavalo de ferro

## INTRODUÇÃO

Quando este romance apareceu pela primeira vez em árabe, em Setembro de 1966, senti-me bastante desconfortável. Na altura estava em Cartum, destacado pelo Departamento Árabe da BBC para trabalhar por seis meses junto do Ministério da Informação sudanês. O clima em Cartum naqueles tempos era de alegria transbordante: o povo sudanês tinha acabado de derrubar o governo militar do general Ibrahim Abboud numa notável revolta popular. Não houve derramamento de sangue e o general Abboud, para seu crédito, aceitou de imediato o veredicto das massas e deu início a uma pacífica passagem de poder para os partidos políticos.

A mudança resultou num crescimento das energias intelectuais, tanto políticas quanto culturais. Rapidamente dois grupos encabeçaram este movimento: os comunistas, que já eram uma formidável força política, não por terem alguma base popular, mas porque eram muito unidos, bem organizados e muito articulados; o segundo grupo era o dos islamitas, que surgiram de repente como força política. Nenhum destes grupos apreciou *Época de Migração para Norte*. Ambos o condenaram à partida, ainda que por diferentes razões.

Os comunistas condenaram-no porque tinha sido publicado numa revista literária originária de Beirute: *Hiwar* («Diálogo»). Essa revista era financiada por um grupo intitulado Conferência para a Liberdade Cultural, que também financiava a revista literária *Encounter* em Londres. Mais tarde veio a descobrir-se que essa organização era financiada secretamente pela CIA. Eu tinha já publicado duas histórias na *Encounter*. A somar a isto trabalhava no Departamento Árabe da

BBC, o órgão porta-voz do colonialismo britânico, como era visto pela esquerda árabe. Estes vários factores não me tornaram especialmente simpático para eles.

Eu estava a par destas complicações e ainda assim tinha publicado o meu romance na *Hiwar*, uma revista suspeita, devido a um sentimento de solidariedade para com um amigo. O recentemente falecido editor da *Hiwar*, Tawfiq Sayigh, era um amigo querido e um distinto poeta palestiniiano. Tornáramo-nos amigos quando eu estava a trabalhar para a BBC em Londres e ele estava a ensinar árabe em Cambridge. Eu já tinha prometido dar-lhe o romance para publicação na sua revista. Na altura em que finalmente o concluí, Sayigh era, a bem dizer, um pária no mundo intelectual árabe, onde o fervor nacionalista estava no auge. O romance apareceu no penúltimo número da *Hiwar*, uma vez que, após a demissão de Stephen Spender enquanto editor da *Encounter* e os ataques incessantes contra a revista e contra ele pessoalmente, Twafiq Sayigh sentiu que não podia continuar. Dobrou a revista e foi dar aulas para Berkeley, onde veio a falecer alguns anos depois.

Vale a pena mencionar que um dos alunos de Sayigh em Berkeley foi um certo general Peled, que, quando se retirou do exército israelita, partiu para Berkeley para completar um doutoramento em Literatura Árabe. Com o passar do tempo, acabou por se tornar professor de Árabe na Universidade Hebraica e um proeminente activista do Movimento Pacifista de Israel. Eu nunca o conheci pessoalmente, mas, durante uma visita curta a Londres, Sayigh entregou-me uma carta extremamente elogiosa do general Peled focando especialmente este romance. Alguns anos mais tarde, quando eu estava a trabalhar para a UNESCO em Paris, fui convidado pelo professor Arkoun, o reconhecido perito franco-argelino, para almoçar com o general na Sorbonne. Estou profundamente arrependido até hoje de não ter respondido à sua carta e não ter podido encontrar-me com ele e com o professor Arkoun.

Apesar da atmosfera cultural e política quente que se vivia no Sudão em 1966, quando o romance veio pela primeira vez a lume não foi

banido. Demorou mais de 25 anos para que viesse a ser banido pelo actual regime [*Época de Migração para Norte* viria a ser banido no ano de 1989]. Em 1967, teve lugar a esmagadora derrota militar infligida por Israel. Essa derrota veio abalar muitas coisas, entre elas a fé nas ideologias políticas vigentes. Cada vez mais pessoas começaram a questionar-se e a expressar as suas dúvidas abertamente.

Por alguma razão, o meu trabalho foi incorporado neste processo de aferição intelectual. As pessoas começaram a ver no romance certas coisas que não tinham visto antes, ou não tinham querido ver. O sentimento de desespero e marasmo subjacente ao romance pareceu coincidir com a disposição generalizada de desmotivação por parte da *intelligensia* árabe, especialmente no Egipto.

Um distinto e corajoso crítico egípcio, Raga'Al-Nakkash, ignorou a acusação de o romance ter aparecido numa revista patrocinada pela CIA e escreveu um artigo extremamente elogioso numa revista semanal de grande circulação. Pouco tempo depois, o romance saiu sob a forma de livro, o que causou grande consternação junto da comunidade religiosa, que o arrasou nas suas mesquitas classificando-o como «decadente», «insultuoso para a religião» e até mesmo «pornográfico». O furor atingiu um tal nível que o Ministério da Informação egípcio, que tinha publicado o livro, veio a retirá-lo das livrarias. Mas muitas cópias tinham já sido vendidas.

O romance continuou banido no Egipto por quase 30 anos até que, há três anos atrás [2000], a respeitável Book Corporation, que é um dos ramos do Ministério da Cultura, acabou por o republicar. Produziram-no numa edição de baixo preço com uma tiragem de 100 000 exemplares, que esgotou em poucos dias.

Uma casa editorial cheia de iniciativa, a Dar-al-Awda, de Beirute, tinha vindo a publicar sucessivas edições desde 1970. Essa editora distribuiu várias centenas de milhares de cópias por todo o mundo árabe. (E, tal é o estado da arte da edição no mundo árabe, que nem sequer consideraram necessário pagar quaisquer direitos ao autor...) É verdade que me tornei bastante conhecido por todo o lado, mas é

claro que o renome sem uma recompensa não é consolação para um escritor.

E assim o livro seguiu o seu destino, como sói acontecer com os livros, de uma forma autónoma da minha pessoa. Neste ou naquele país é banido de tempos a tempos e depois é levantada a proibição; está banido permanentemente de todos os estados do Golfo. É amado e odiado e atacado e louvado. É estudado em universidades e sobre ele escrevem-se inúmeras teses de doutoramento e mestrado. Isso devia fazer-me feliz e, de certa forma, faz.

As suas traduções dão outras histórias interessantes: foi traduzido um pouco por todo o mundo em mais de vinte línguas até hoje. A primeira tradução foi feita a partir do árabe para o inglês, pelo deão dos tradutores, Denys Johnson-Davies. Foi publicado pela Heinemann Educational pouco tempo após a edição árabe. Por isso devo os meus agradecimentos a Denys Johnson-Davies, cujos esforços para promover o romance foram bem para lá dos seus deveres enquanto tradutor, e também a Keith Sambrook e James Currie, os responsáveis editoriais pela Série Africana na Heinemann.

Teve uma recepção algo fria quando apareceu em Londres e poucas recensões foram feitas. Lembro-me, em especial, de uma particularmente desagradável e quezilenta surgida no *Times Literary Supplement*, que despachava o livro sob o epíteto de «episódico», o que o crítico reclamava ser o ponto fraco da escrita em língua árabe. Correu muito melhor a sua tradução francesa, que viu a luz pouco depois da inglesa. Incluía uma generosa introdução do distinto arabista, o recentemente falecido Jacques Berque [1910-1995], do prestigiado Collège de France. A maior parte dos jornais e revistas apresentou críticas excelentes. O senhor François Mauriac disse: «Nunca lemos nada como isto antes, nós que lemos tudo.» O que me levou a pensar como é que um romance tão trivial em Londres podia ser tão badalado em Paris.

O tradutor russo telefonou-me pessoalmente para me informar de que tinham impresso mais de 1 000 000 de exemplares do livro, o que, compreensivelmente, me fez ficar radiante até ele me dizer em

seguida que, infelizmente, eu não veria quaisquer direitos, uma vez que, na altura, a Rússia não era signatária da convenção de Berna sobre o *copyright*.

Em hebraico, como me disse o editor por carta, o livro estava próximo de ser um *bestseller*. Tinham-no publicado sem permissão e, ainda que mais tarde se tenham oferecido para corrigir esta situação, não dei qualquer seguimento ao assunto, uma vez que considerei as verbas oferecidas no mínimo ridículas. Apesar disso, estava muito contente por ver o livro publicado em hebraico. Pensei: «Bem, talvez, mesmo que de uma forma ínfima, tenha contribuído para a causa da paz entre Israelitas e Árabes.» A edição alemã foi muito bem recebida. Não tenho qualquer noção do seu sucesso na China ou no Japão ou, já agora, em qualquer dos países da Europa de Leste. Por algum motivo, todos se apressaram a publicá-lo. Agora que se tornaram países capitalistas, talvez venham a dar ao Diabo o seu dote!

Mas não estou a queixar-me. É verdade que fiz muito pouco dinheiro com este romance ou com qualquer outro dos meus trabalhos, tanto em árabe como em qualquer outra língua, com excepção de alguns trocos da Heinemann e da Lenos, do meu editor alemão e, no passado, do meu editor francês, Sindbad. Mas tenho o enorme prazer de os meus livros me terem trazido, ao longo do tempo, vários amigos de todo o mundo. Uma simpática senhora francesa disse-me que uma vez tinha pegado, quase por acaso, no meu livro, numa livraria parisiense. Ela começou a lê-lo no *métro* e ficou tão agarrada ao livro que perdeu a sua paragem – um elogio extraordinário para qualquer escritor. E agora que a Penguin se prepara para o publicar pela primeira vez, e que, também pela primeira vez, encontrei em Caroline Dawnay da agência literária Peters Fraser and Dunlop, uma agente notável, interessada e eficiente, talvez consiga arrecadar alguns benefícios materiais desta demanda onerosa e não inteiramente satisfatória de escrever romances.

Prefácio à edição *Penguin 20th Century Classics*, 2003

Tradução do inglês por Vasco Renato

VOLTEI À MINHA TERRA, CAROS SENHORES, APÓS UMA LONGA AUSÊNCIA — sete anos, para ser preciso, durante os quais estudei na Europa. Muito foi o que aprendi e muito foi o que perdi — mas essa é uma outra história. O importante é que voltei com o desejo desmedido de ver a minha gente, nessa pequena aldeia, junto à curva do Nilo. Há sete anos que desejava vê-los e que sonhava com eles. Foi prodigioso o momento em que cheguei e me encontrei rodeado por todos. Alegraram-se com a minha chegada, o clamor cresceu em meu redor e não tardou para que me sentisse como se um pedaço de gelo se diluísse dentro de mim — como se eu fosse uma substância fria sobre a qual o sol avançasse. Era este o calor da vida no seio da tribo, que eu perdera em tempos, numa terra «onde os peixes morrem de frio». Os meus ouvidos habituaram-se às suas vozes e os meus olhos fixaram as suas formas, de tanto que pensei neles enquanto estive ausente. E assim cresceu, entre mim e eles, uma espécie de neblina, no primeiro momento em que os vi. Mas essa neblina desfez-se e, no dia seguinte, acordei sobre a cama que eu conhecia, no quarto cujas paredes presenciaram todas as ocorrências triviais da minha vida, ao longo da infância e no despontar da juventude. Escutei o vento. Este era um som que eu bem conhecia e que soava, na nossa terra, como um murmúrio alegre. O som do vento quando avançava por entre as palmeiras ou, diversamente, quando atravessava os campos de trigo. Ouvi o arrulhar dos pombos e olhei, através da janela, para a palmeira firmemente plantada no pátio da nossa casa. Soube, então, que tudo na vida permanecia bem. Quando eu olhava para o tronco



forte e estacado da palmeira, para as raízes fundamente enterradas no chão e para as folhas verdes vertidas sobre o topo, sentia-me tranquilo. Sentia que eu não era uma pluma exposta ao curso dos ventos, mas que, tal como esta palmeira, eu tinha uma origem, raízes e um fim.

A minha mãe trouxe o chá e o meu pai juntou-se a nós, após terminar a oração e a récita do Corão. Vieram a minha irmã e os meus dois irmãos. Sentámo-nos a beber chá e a conversar, como sempre fizéramos desde que os meus olhos se abriram para a vida. Sim, a vida era boa e nada nela se havia alterado.

Lembrei-me, de súbito, de um rosto que vira entre os que me esperavam e que não reconhecera. Perguntei-lhes acerca deste e descrevi-o: um homem de estatura mediana, com cerca de cinquenta anos, ou um pouco mais, de cabelo abundante e encanecido, que não usava barba, mas um bigode ligeiramente mais pequeno do que aquele que usam os homens da terra. Um homem elegante.

E o meu pai disse: «Esse é o Mustafá.»

Que Mustafá? Era, porventura, um dos filhos da terra que tinha emigrado, tendo agora regressado?

O meu pai disse que o Mustafá não era da gente da terra, mas que era de fora – viera há cinco anos atrás, comprou um campo para cultivo, construiu uma casa e casou-se com a filha do Mahmoud... Mas, acerca de um homem como ele, pouco se sabia.

Não sabia, com exactidão, o que tinha estimulado a minha curiosidade, mas recordava-me de que ele tinha permanecido em silêncio, no dia da minha chegada. Todos me faziam perguntas e eu, do mesmo modo, a todos perguntava. Perguntavam-me como era a Europa. As pessoas eram como nós, ou eram diferentes? A vida era dispendiosa ou barata? O que faziam as pessoas no Inverno? Dizem que as mulheres não usam véu e que dançam em público, com os homens. «É verdade», perguntou-me o Wad Al-Rayes, «que eles não se casam e que os homens vivem com as mulheres de forma interdita?»

Muitas foram as perguntas que fizeram e eu respondi-lhes de acordo com o que sabia. Surpreenderam-se quando lhes disse que, à



exceção de mínimas diferenças, os europeus são exactamente como nós: casam-se, educam os filhos segundo as suas tradições e princípios, têm boa índole moral e são, de modo geral, boa gente.

E, então, o Mahjoub perguntou-me: «E há, entre eles, camponeses?»

«Sim, há camponeses, assim como há de tudo o resto», respondi eu. «Há, entre eles, operários, médicos, camponeses, professores – precisamente como nós.» E preferi não mencionar o que me ocorreu, nesse momento: precisamente como nós, nascem e morrem, transportando consigo sonhos, do berço à sepultura. E, destes, alguns são os que se realizam, gorando-se outros. Temem o desconhecido, buscam o amor e procuram a serenidade junto da mulher e dos filhos. Alguns são fortes, outros são miseráveis; a vida concedeu a alguns mais do que mereciam, consignando outros à privação. No entanto, as diferenças dissiparam-se e a maioria dos fracos deixou de sê-lo. Não foi isto o que disse ao Mahjoub, embora devesse tê-lo feito, pois ele era um homem inteligente – eu temi, de modo pretensioso, que ele não me compreendesse.

E a Bint Majzoub disse, rindo: «Tínhamos medo de que voltasses com uma mulher cristã que não fosse excisada.»

O Mustafá, porém, nada disse. Ficou a ouvir, em silêncio, sorrindo, por vezes, de um modo que, agora recordo, era obscuro – como um homem que falasse consigo próprio.

Não voltei a pensar no Mustafá depois disso. Eu recuperava agora os laços com as pessoas e as coisas da aldeia. Nesses dias, eu sentia-me feliz, como uma criança que, pela primeira vez, visse a sua face reflectida num espelho. A minha mãe aproveitava todas as ocasiões para me lembrar acerca dos que tinham morrido, para que fosse prestar condolências, e acerca dos que tinham casado, para que fosse felicitá-los. Percorri, então, toda a região, de norte a sul e de este a oeste, para prestar condolências e distribuir felicitações.

Certo dia, dirigi-me àquele que era o meu lugar preferido, na margem do rio, junto ao tronco de uma acácia. Muitos foram os dias da minha infância que passei à sombra dessa árvore, a atirar pedras

ao rio e a sonhar. Os meus pensamentos vagueavam no horizonte distante, enquanto se ouvia o rumor das noras no rio, o clamor dos homens no campo, o mugido dos touros e o zurrar dos burros. Em certas ocasiões, era tocado pela sorte e um barco a vapor atravessava as águas, à minha frente, subindo ou descendo o rio. Desse lugar, sob essa árvore, vi o país transmudar-se, lentamente. As noras desapareceram. Construíram, nas margens do rio, engrenagens que dirigiam a água. Cada máquina executava o trabalho de cem noras. E, ano após ano, vi a linha da terra retroceder, face ao avanço das águas, enquanto, noutra lugar, se podia contemplar o recuo das águas, face ao avanço da terra. Por vezes, ocorriam-me estranhos pensamentos. Pensava, nessas ocasiões, ao ver como a costa se contraía num lugar e distendia noutro, que a vida se lhe assemelhava, oferecendo com uma mão e retirando com a outra, mas talvez o tenha interiorizado apenas mais tarde. De qualquer modo, eu compreendia agora essa espécie de aforismo apenas por via da inteligência, pois, debaixo da pele, os meus músculos eram dúcteis e obedientes e o coração era confiante. Eu queria apoderar-me dos meus direitos sobre a vida, com violência; dar magnanimamente. Queria que o amor dimanasse do meu peito, se distendesse e frutificasse. Eram muitos os horizontes que era necessário percorrer, eram muitos os frutos a colher, os livros a ler e as folhas brancas do cadastro da vida, onde escreveria frases claras, numa caligrafia intrépida. Contemplei o rio, onde as águas começavam a toldar-se de lama – decerto chovera nas montanhas da Etiópia. Vislumbrei o vulto das figuras humanas que se apoiavam sobre os arados e se inclinavam sobre as picaretas. Os meus olhos receberam a imagem dos campos que se abriam, como a palma de uma mão, até às fimbrias do deserto, onde se erguiam as casas. Quando ouvia um pássaro a chilrear, um cão a ladrar, ou o som que um machado fazia quando caía sobre a madeira, sentia-me tranquilo. Sentia que eu tinha importância, que persistia e era completo. «Não, eu não sou uma pedra que se lança às águas, mas a semente que germina nos campos.» Dirigia-me a casa do meu avô e este falava-me, então, de como

era a vida, há quarenta anos, há cinquenta anos, ou, ainda, há oitenta anos atrás, e o meu sentimento de tranquilidade intensificava-se. Eu amava o meu avô e julgo que também ele tinha uma grande afeição por mim. Uma das razões da nossa amizade residia, talvez, no facto de as histórias antigas me terem sempre aguçado a imaginação, desde a infância. O meu avô gostava de contar histórias. Quando viajei, temi que morresse na minha ausência e, nos momentos em que era tomado pela saudade, via-o em sonhos. Contei-lhe isto, mais tarde, ao que ele se riu e disse: «Quando eu era jovem, um adivinho predisse que, caso eu ultrapassasse a idade do Profeta – e isto significa a idade de sessenta anos –, haveria de perfazer os cem anos.» Calculámos a sua idade e chegámos à conclusão de que lhe restavam cerca de doze anos.

O meu avô estava a falar-me de um governante despótico que dominara a região, no tempo dos Turcos, quando, por razões que desconheço, me lembrei do Mustafá. Lembrei-me dele, subitamente, e pensei em perguntar-lhe acerca deste, pois o meu avô sabia tudo sobre todos os que viviam na região, a sua origem, conhecendo ainda todas as estirpes e famílias que viviam a sul e a norte, acima e abaixo, do Nilo. Porém, o meu avô fez um sinal com a cabeça e disse que, acerca do Mustafá, não sabia senão que este tinha vindo dos lados de Cartum, que chegara há cinco anos e comprara um terreno cujos herdeiros se tinham dispersado, destes tendo ficado, na aldeia, apenas uma mulher. O homem instigou-a com dinheiro e comprou-lhe as terras. Mais tarde, há quatro anos atrás, o Mahmoud tinha-o casado com uma das suas filhas. «Com qual das filhas do Mahmoud?», perguntei eu. «Julgo que com a Husna», respondeu. O meu avô abanou a cabeça e disse: «A gente daquela cabila não sabe casar as filhas.» Mas acrescentou, de seguida, como se rectificasse o que havia dito, que, ao longo de toda a sua permanência na região, o Mustafá nunca tinha feito nada que suscitasse reprovação. Comparecia, escrupulosamente, na oração de sexta-feira e apressava-se «a estender a mão e o copo de chá, nos dias de alegria e de tristeza». Assim falava o meu avô.

\*\*\*

Dois dias depois, fiquei sozinho a ler, à hora da sesta. A minha mãe e a minha irmã conversavam com outras mulheres, na extremidade oposta da casa. O meu pai estava a dormir e os meus dois irmãos tinham saído por alguma razão. Como tal, eu estava sozinho, quando ouvi alguém a tossicar do lado de fora da casa. Levantei-me. Era o Mustafá. Trazia uma grande melancia e um cesto de palha cheio de laranjas.

Ele talvez tenha notado a minha expressão de espanto, pelo que disse: «Espero não o ter acordado. Pensei em vir trazer-lhe uma amostra dos frutos da terra. Prove-os. E gostaria também de ficar a conhecê-lo. Porém, o meio-dia não é uma hora apropriada para se fazer visitas. Peço-lhe imensa desculpa.» Não deixei de reparar na sua excessiva amabilidade, pois as pessoas da nossa aldeia não se preocupavam com gestos de cortesia. Iam directas ao assunto, de um só ímpeto, visitavam-nos ao início e ao fim da tarde e nunca pediam desculpas. Retribuí a amabilidade, com igual cortesia, e trouxe o chá.

Examinei o seu rosto, no momento em que se inclinou. Ele era, sem dúvida, um homem atraente: a testa era ampla e larga, as sobrançelas distanciadas escurçavam duas luas crescentes sobre os olhos, a cabeça, coberta pelo cabelo abundante e desordenado, formava um *continuum* perfeito com o pescoço e os ombros, o nariz era estreito e nas narinas havia uma profusa penugem. E, quando ergueu o rosto, enquanto falava, observei-lhe a boca e os olhos e divisei, na face desse homem, uma estranha mescla de força e de fraqueza. A boca era lânguida e os olhos eram entorpecidos, o que aproximava o seu rosto dos traços da beleza, algo mais do que apenas uma mera aparência de elegância. Falava com serenidade, mas a sua voz erguia-se, clara e inequívoca. Quando ficava em silêncio, o seu rosto enchia-se de força e, quando se ria, era a fraqueza que predominava. Olhei-lhe para os braços — eram braços fortes, cobertos de veias protuberantes, mas os dedos eram longos e graciosos, como se, no movimento de avançar até

eles, após terem contemplado os braços e as mãos, os olhos desceram, subitamente, de uma montanha a um vale.

Pensei em fazê-lo falar, pois ele não teria, decerto, vindo ao meu encontro, na hora do mais elevado grau do calor, senão para me dizer alguma coisa. Ou, por outra, talvez tivesse vindo movido por boas intenções. Porém, ele interrompeu as minhas conjecturas e disse: «Talvez seja a única pessoa da aldeia que não tive ainda o prazer de conhecer.» Porque não deixava ele as cortesias de parte, nesta terra onde os homens, quando se enfureciam, diziam uns para os outros: seu filho de um cão?

«Os seus familiares e os seus amigos falaram-me muito de si» – isto não me surpreendeu, pois eu considerava ser um bom rapaz, entre os jovens da terra.

«Disseram-me que obtive um grau académico muito elevado – como lhe chamam vocês? O doutoramento?» Como lhe chamávamos nós? Isto não me agradou particularmente, pois eu já imaginava que os dez milhões de habitantes do país inteiro tivessem ouvido falar do meu feito.

«Dizem que sempre foi um jovem brilhante, desde a infância.»

«De modo algum.» Foi o que lhe respondi, quando, na verdade, eu me sentia, nesses dias, bastante orgulhoso de mim próprio.

«Um doutoramento. É um feito notável.»

Eu disse-lhe, então, com fingida modéstia, que não me tinha senão dedicado, durante três anos, à investigação da vida de um poeta inglês pouco estudado. E fiquei furioso, devo dizê-lo, quando aquele homem começou a rir largamente e disse: «Nós aqui não precisamos de poesia para nada. Se tivesse estudado agronomia, ou engenharia, ou medicina, sempre teria sido melhor.» Notei o modo como pronunciou *nós*, excluindo-me, quando ele sabia que esta era a minha terra e que ele, não eu, é que era um estranho.

Porém, ele sorriu com delicadeza e eu vi, então, o modo como a fraqueza lhe cobria o rosto e se sobrepunha à força. Notei que nos seus olhos havia a beleza dos olhos de uma mulher. Ele disse: «Nós somos

agricultores, pensamos só no que nos diz respeito; mas, na verdade, todo o conhecimento, seja ele de que natureza for, contribui para a elevação do país.»

Após o que ficou em silêncio, por um momento, e ocorreram-me, então, inúmeras perguntas. De onde era ele? Porque se havia fixado nesta região? E qual era a história da sua vida? Mas preferi esperar. Foi aí que ele se antecipou e disse: «A vida nesta aldeia é simples e boa. As pessoas são boas e a vida é fácil.»

«Dizem boas palavras acerca de si. O meu avô disse-me que é um homem distinto», afirmei.

Ele riu-se, recordando, talvez, a ocasião em que tinha conhecido o meu avô e disse, como se as minhas palavras lhe tivessem agradado: «O seu avô... Esse é que é um grande homem. Aquele homem... com noventa anos e as costas sempre rectas. Tem um olhar agudo e pode ouvir-se cada ano da sua idade nas palavras sábias que saem da sua boca. Salta, com leveza, para cima do burro e caminha de casa até à mesquita, à hora da oração do *fajr*<sup>1</sup>. Assim é aquele homem.» Tinha demonstrado ser um homem digno, ao dizer estas palavras. E, por outro lado, porque não as diria? O meu avô era, em boa verdade, um homem prodigioso.

Temí que partisse, sem que eu pudesse saber o que quer que fosse acerca dele – a este extremo tinha chegado a minha curiosidade –, e foi então que articulei a pergunta, sem reflectir: «É verdade que é de Cartum?»

Ele ficou um pouco surpreendido e pareceu-me que os seus olhos se toldaram. Mas retomou rapidamente a sua habitual serenidade e respondeu, com desenvoltura, enquanto tentava sorrir: «Dos arredores de Cartum. Mas, sim, pode dizer-se que sou de Cartum.»

Ficou em silêncio, por um breve momento, como se falasse consigo próprio – iria continuar calado, ou dizer-me mais alguma coisa? Eu divisei, então, o esgar sombrio que se formou em torno dos seus

<sup>1</sup> A oração do *fajr* corresponde à oração do início da manhã, executada aquando do nascer do Sol. [N. T.]

olhos, tal como no primeiro dia em que o tinha visto. E ele disse, fitando-me, olhos nos olhos: «Em Cartum, costumava trabalhar no comércio. Mais tarde, por diversas razões, decidi ocupar-me da agricultura. Desejei, durante toda a minha vida, fixar-me nesta parte do país, sem que soubesse ao certo porquê. Subi a bordo de um barco, desconhecendo a direcção que tomava e, quando desembarcámos nesta terra, o lugar agradou-me. Nesse momento, ocorreu-me um pensamento: que era este o lugar. E assim foi, é como pode ver. Não me enganei quanto à terra, nem quanto à sua gente.» E fechou-se em copas. De seguida, levantou-se, dizendo que ia até às suas terras, e convidou-me para jantar em sua casa, passados dois dias.

Quando o acompanhei até à porta, disse-me, enquanto se despedia – o esgar enigmático, em torno dos seus olhos, tinha-se tornado mais evidente: «O seu avô conhece o segredo.»

E não se demorou durante tempo suficiente para que pudesse perguntar-lhe: «Que segredo é que o meu avô conhece? O meu avô não tem segredos.» Afastou-se, a passos enérgicos e firmes, com a cabeça pendendo um pouco para o lado esquerdo.

\*\*\*

Compareci no jantar, onde encontrei o Mahjoub, o *Omda*<sup>2</sup>, o meu pai e Saíd, o comerciante. Durante o jantar, o Mustafá não disse uma única palavra que suscitasse interesse. Como era seu hábito, as ocasiões em que ficava a ouvir eram mais do que aquelas em que falava. Quando a conversa perdia intensidade e nada do que aquele homem fizesse parecia ser motivo de interesse, eu olhava em meu redor, tentando divisar, nos quartos e nas paredes da casa, a resposta às perguntas que circulavam na minha cabeça. Esta era, porém, uma casa vulgar, nem melhor nem pior do que as casas dos restantes homens da terra

2 O *Omda* é o dirigente político de determinada aldeia ou pequena comunidade. [N. T.]



que possuíam alguma riqueza. Estava dividida em duas partes, como as demais casas: uma área para as mulheres e, do lado onde ficava o *diwan*<sup>3</sup>, uma área para os homens. Vi, à direita do *diwan*, um quarto feito de tijolos vermelhos, de forma oblonga e com janelas verdes. O tecto não era plano, como era usual, mas triangular, como o dorso de um touro.

Eu e o Mahjoub levantámo-nos e deixámos os restantes comensais. No caminho, perguntei ao Mahjoub o que pensava do Mustafá. Ele não acrescentou nada de novo àquilo que eu já sabia, mas disse: «O Mustafá é um homem de grande profundidade.»

Passei na aldeia dois meses aprazíveis. O acaso levou-me a encontrar o Mustafá em diversas ocasiões. Certa vez, assisti a uma reunião do Comité para o Desenvolvimento Agrícola. Fora convidado pelo Mahjoub, o presidente do comité e o amigo junto de quem cresci, desde a infância. Assim que cheguei, dei de caras com o Mustafá entre os demais. Discutia-se um assunto relacionado com a distribuição da água pelos campos. Ao que parecia, certas pessoas, entre as quais se contavam alguns dos próprios membros do comité, tinham utilizado as águas nas suas terras antes do momento acordado. A discussão intensificou-se e alguns já falavam, entre si, em voz alta, quando o Mustafá se levantou. Pôs um termo ao tumulto que se gerara e todos se prepararam para ouvi-lo com uma manifesta deferência. O Mustafá disse, então, que a sujeição às regras do projecto era da mais alta importância, pois, caso contrário, a situação tornar-se-ia pouco clara e prevaleceria a desordem. E, sobretudo, os membros do comité deveriam constituir um exemplo para os restantes. Portanto, aqueles que, de entre estes, tivessem transgredido a lei deveriam ser punidos, tal como todos os outros. Quando terminou, a maioria dos membros do comité abanou a cabeça em sinal de aprovação e os que antes haviam vociferado entregaram-se ao silêncio.

3 Parte da casa, usada para acolher visitantes, reservada aos homens. [N. T.]

Depois de um período de vários anos a estudar na Europa, o jovem protagonista deste romance regressa à sua aldeia natal, no Sudão, e já não a reconhece. Nesta, trava conhecimento com um desconhecido, um homem misterioso chamado Mustafá Saíd, que o cativa e de quem se torna amigo ouvindo o perturbador relato da sua vida. Tal como ele, Saíd passara no Ocidente os anos da sua juventude. Em Londres, após a Primeira Guerra Mundial, tirara partido do seu exotismo para se envolver com várias mulheres e participar na vida intelectual e boémia da cidade, acabando porém por se ver envolvido num terrível escândalo que o viria a destruir. Caído em desgraça, voltara para o Sudão um homem perturbado. Agora, depois desta terrível confissão, o trágico destino dos dois homens e da pequena aldeia nas margens do Nilo parecem estar para sempre unidos.

Publicado originalmente em 1966 e posteriormente proibido no Sudão e em vários países árabes, *Época de Migração para Norte* é considerado um dos romances mais marcantes sobre o impacto do colonialismo europeu. Foi eleito em 2001, por um painel de críticos e escritores, como o mais importante romance árabe do século xx, constando igualmente da lista de Obras Literárias Representativas da Unesco.

«A elegância quase formal da escrita contrasta com uma astuta visão anti-colonial de uma forma que torna o livro fascinante.»

Chimamanda Ngozi Adichie

ISBN 978-989-623-281-8  
9 789896 232818



cavalo de ferro